



# Walter Benjamin e a história do tempo presente

**Josias José Freire Jr.**

*Docente da Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui graduação, mestrado e doutorado em História pela mesma Universidade.*

## **Resumo**

Este texto tem por objetivo desenvolver algumas reflexões acerca do tema do presente para a história. Inicialmente, se discutirá alguns aspectos da chamada história do tempo presente, com intuito de apresentar o problema do presente na história, a partir desse campo historiográfico. Em seguida, serão consideradas algumas ideias do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) acerca do presente e da atualidade, em seu conceito de história. Compreende-se que as considerações de Walter Benjamin sobre a história e, especificamente, sobre o papel do presente e da atualidade em história, possam contribuir com as reflexões e debates do campo da história do tempo presente.

**Palavras-chave:** história do tempo presente; historiografia; Walter Benjamin.

## **Abstract**

This text aims to develop some reflections on the theme of the present for history. Initially, some aspects of the so-called history of the present time will be discussed, with the aim of presenting the problem of the present in history, from this historiographical field. Then, some ideas of the German philosopher Walter Benjamin (1892-1940) about the present and the present, in his concept of history, will be considered. It is understandable that Walter Benjamin's considerations on history and, specifically, on the role of the present and the present in history, can contribute to reflections and debates in the field of history of the present time.

**Keywords:** history of the present time; historiography; Walter Benjamin.

A chamada história do tempo presente ganhou espaço na produção historiográfica contemporânea ao ultrapassar a concepção tradicional de que apenas o passado mais distante pode ser objeto do conhecimento histórico (Roussou, 2016, p. 14). Aproveitando a recuperação de debates sobre o contemporâneo e, especialmente, uma importante ênfase no político, característica de determinada historiografia francesa do pós guerra, emergiram as reflexões acerca do presente como objeto da historiografia (Chauveau; Tétart, 1999, p. 14).

Além disso, alguns elementos contribuem com a importância crescente daquele campo como, por exemplo, a multiplicação de eventos considerados traumáticos ou, ainda, a consolidação de uma nova dinâmica dos processos históricos, submetidos à lógica dos meios de comunicação de massa, que tornam “históricos” (historicamente relevantes) eventos que ainda não cessaram ou que ainda não “passaram” (Cezar, 2012, p. 32).

Eventos traumáticos, referência tradicional da história do tempo presente (Fico, 2012a), se associam ao próprio cotidiano na medida em que a radicalização da experiência do contemporâneo torna o próprio dia a dia uma experiência de choque (Benjamin, 1989, p. 109). Se eventos catastróficos tendiam a concentrar o interesse original da história do tempo presente, as particularidades da própria experiência atual dão margem à reflexão sobre o passado mais recente.

Desse modo, tais eventos traumáticos como cotidianos (agora somados ao excesso de informações e à “hipercomunicação”) promovem uma experiência de intensificação do presente, tornando-o questão incontornável à reflexão histórica. Trata-se do “presente perpétuo” de nosso “regime de historicidade” (Hartog, 2014, p. 39) ou da profundidade de nosso “amplo presente” (Gumbrecht, 2015, p. 131) que incorpora as referências de passado e futuro.

A experiência do presentismo se caracterizaria, a partir da leitura de Hartog, pela experiência atual de um “presente [que] se impõe como único horizonte, um presente onipotente e hipertrofiado” (Pereira; Da Mata, 2012, p. 19). Assim, se poderia concluir que o presentismo representaria a experiência do tempo na qual “não há nada além do evento” (Ibid.).

Assim, para Hartog, trata-se, pois, de um novo presente, não mais orientado pelo futuro, mas de um “presente presentista”, “um tempo dos fluxos, da aceleração e uma mobilidade valorizada e valorizante”, e ao mesmo tempo de uma “permanência do transitório”, caracterizando-se como “um presente em plena desaceleração, sem passado [...] e sem futuro real tampouco [...]” (Hartog, 2014, p. 14-15). Essa mesma experiência é caracterizada por Marc Augé como “sentimento de viver uma situação ‘fechada’” (Augé, 2012, p. 25),

resultado de uma globalização homogeneizadora (Augé, 2012, p. 33), marcada por paradoxos, a saber, o paradoxo “espaçotemporal”: “a medida do tempo e do espaço muda”; o “surgimento hoje de um novo espaçotempo que parece consagrar a perenidade do presente, como se a aceleração do tempo impedisse perceber seu movimento” (Ibid., p. 48).

O presente estaria, assim, de tal modo carregado de rupturas a partir das quais emergiria um novo espaço-tempo, no qual “uniformização e desigualdade andam juntas”, com prevalência de uma “cosmotecnologia” com seus “espaços de códigos” e a produção de “não lugares”, resultando no “sistema” que corresponde ao fim da história e das grandes narrativas (Ibid., p. 49). Essa mesma crítica às grandes narrativas, tradicionalmente associada às críticas pós-modernas, aparecem na análise de Fredric Jameson sobre as transformações culturais associadas à rubrica do pós-modernismo (Jameson, 2006).

A predominância do presente na experiência temporal contemporânea contribui, dessa forma, para a importância da história do tempo presente ao passo que esse passa a ser visto não como propriamente um evento no tempo, mas enquanto um evento que reorganiza o tempo (Rouso, 2016), estabelecendo novas perspectivas e abrindo reflexões sobre o próprio estatuto da história e de sua matéria, a ação humana no tempo.

Trata-se, assim, de se reconhecer no presente eventos que “implicam em muitas vezes reposicionar elementos da memória, transformam as identidades e acabam por reordenar as interpretações do passado” (Maynard, 2017, p. 336). Nesse sentido, a história do tempo presente teria como referência eventos que possuem um caráter meta-histórico, por assim dizer, ao passo que eles contribuíram com um reordenamento ou uma ressignificação do próprio conhecimento histórico.

As grandes catástrofes se inscreveriam, mais naturalmente, no hall dos eventos privilegiados pela história do tempo presente. Mas, propõe-se também que outras transformações, talvez mais sutis, possam promover uma considerável ressignificação do conhecimento histórico, de sua ciência e de seu ensino, como por exemplo, a disseminação dos meios de comunicação em massa e a internet.

Para Carlos Fico, nessa mesma direção, o elemento que especifica a história do tempo recente, que é particular aos seus temas pode, ser percebido na “mescla de política e pesquisa acadêmica” (Fico, 2012b, p. 84), característica dos esforços de compreensão dos eventos mais recentes.

Avanços teórico-metodológicos acerca da história presente poderão significar uma melhor abordagem da relação entre conheci-

mento histórico e meios de comunicação de massa, debate esse característico da história do tempo presente (Chauveau; Tétart, 1999), bem como dos usos públicos do conhecimento histórico (Cezar, 2012), especialmente da problematização dessa modalidade historiográfica em sala de aula.

Assim, é possível acompanhar Agnès Chauveau e Philippe Tétart na consideração de que a história do tempo presente encaminha a necessária reflexão sobre a relação entre “o historiador, a história e a sociedade”, com o reconhecimento de que o “historiador é cada vez mais parte integrante do contemporâneo” (Chauveau; Tétart, 1999, p. 35). Desse modo, a produção e a reprodução do conhecimento histórico, em ambiente escolar ou não, suas implicações na formação da consciência histórica e nas referências temporais, podem ser reconhecidos como questões concernentes tanto ao ensino de história quando à história do tempo presente, ao passo que tangenciam questões relacionadas ao historiador, aos professores de história e à sociedade contemporânea.

Alguns aspectos teórico-conceituais das discussões acerca do presente, no campo da história do tempo presente, podem ser problematizadas à luz de algumas considerações do filósofo alemão Walter Benjamin. Assim, serão consideradas algumas ideias do filósofo acerca dos temas da atualidade e do presente, em seu conceito de história. As principais referências para as discussões que se seguem serão as reflexões elaboradas no ciclo de produção de *Passagens* (Benjamin, 2006), e de *Sobre o Conceito de História* (Id., 1994; Id., 2012).

Em *Passagens* e nos textos de *Sobre o Conceito de História*, Walter Benjamin experimenta teórica e historiograficamente uma proposta de produção do conhecimento histórico que se opõe à tradição historiográfica que o filósofo chama de “historicismo” e seus temas – principalmente a história política de grandes personagens, a qual benjamin chama de empatia com os vencedores (Benjamin, 2012, p. 12) – e às filosofias do progresso histórico, em sua forte presença na tradição cultural europeia, em múltiplas dimensões – progressismo especialmente devastador quando torna-se elemento ideológico da socialdemocracia no contexto de ascensão do fascismo (Ibid., p. 17).

Como alternativa, Benjamin elabora um projeto de uma historiografia pluritemática e fragmentada, centrada na forma de apresentação e em experimentos metodológicos. Essa historiografia, que Walter Benjamin chama em seus textos mais tardios de historiografia materialista, resultado da produção do historiador materialista ou do materialista histórico, faria frente aos desafios de seu tempo abrindo o passado aos sujeitos históricos até então alijados, no cumprimento do “acordo secreto” entre as gerações passadas (Ibid., p. 10). A historiografia benjaminiana, colocada para funcionar em *Passagens*

e formulada teórico-filosoficamente em *Sobre o Conceito de História*, confere um importante papel ao presente como experiência capaz de produzir a atualidade e a descontinuidade críticas em relação às filosofias do progresso e às historiografias tradicionais.

Contra a “ideologia do progresso”, Benjamin articula sua noção de história baseada na exigência da construção de um “conceito de história que corresponda” ao “estado de exceção” como “regra geral” (Benjamin, 1994, p. 226). Este “estado de exceção” visado pela construção materialista da história é um aspecto da própria tradição, ou melhor, é a própria tradição a partir de determinado aspecto.

Neste sentido, em materiais para as teses intitulados “Problemas da tradição” e “A dialética em repouso”, Benjamin escreve:

Aporia fundamental: ‘A tradição é o descontínuo do que já foi, por contraste com a história enquanto contínuo de acontecimentos.’ – Pode ser que a continuidade da tradição seja mera aparência. Mas então é a constância dessa aparência que confere à constância a continuidade nela’. [...] A tarefa da história é apoderar-se da tradição dos oprimidos (Id., 2012, p. 182).

Este significativo trecho, além de mencionar elementos desdobrados em *Passagens*, expressa a ideia de que a descontinuidade específica da tradição, seu aspecto antitético, deve ser o operador da dissolução da aparência da continuidade, característica da história. A “tarefa [de] escovar a história a contrapelo”, atribuída na sétima tese ao “materialista histórico” que tem consciência de que a “transmissão da cultura” também é repleta de “barbárie”, descontinuidades, corresponde assim à abolição da aparência de continuidade da tradição, de apoderar-se da tradição na figura do que “já foi” (Ibid., p. 12), do desaparecido, do no máximo fragmentado e incompleto, do radicalmente descontínuo. O presente se torna, pois, instante de referência para apreensão dessa descontinuidade constitutiva da tradição.

O presente se torna igualmente, o espaço de disputa no qual o passado pode emergir dotado de atualidade, naquilo que Benjamin caracteriza como “revolução copernicana” de sua historiografia (Id., 2006, p. 433). A essa atualização do passado no presente Benjamin atribui à experiência crítica do despertar do sonho coletivo que foi o século XIX e sua concepção de história (Ibid., p. 433). A relação entre passado e presente seria, pois, estabelecida a partir de uma configuração própria – não mais o tempo “homogêneo e vazio” das filosofias progressistas – e sim uma relação dialética; Benjamin indica em *Passagens*: “o passado adquire o caráter de uma atualidade superior graças à imagem como a qual e através da qual é compreendido” (Ibid., p. 436), isto é, a imagem produzida a partir do presente acerca daquele passado garante sua atualidade, e não sua continuidade em relação ao passado.

Entretanto, para Benjamin, não se trata de um presentismo, como uma determinação de toda experiência temporal pelo presente. A ênfase no fato de que cada presente abre um novo passado destaca uma relação dialética entre estes dois polos da experiência temporal, em direção ao futuro que pode ser reconstruído a cada instante. A crítica às filosofias do progresso ensejam uma compreensão de que o futuro é objeto de disputa, portanto, jamais está garantido.

Assim, a atualidade do passado para Benjamin, portanto, é associada à “legibilidade” desse passado em cada presente (Benjamin, 2006, p. 504) na medida em que se estabelece uma relação que Benjamin caracteriza como as “imagens dialéticas” produzidas por sua historiografia; para o filósofo “não é que o passado que lança sua luz sobre o presente, ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo” (Ibid., p. 505). Esse “agora” garantiria a “legibilidade” da história naquilo que Benjamin chamaria do “agora da cognoscibilidade”, um agora disputado – e historicamente perdido –, na medida que a história é uma “constelação de perigos” muito diferente do futuro garantido do progressismo que marcou parte expressiva o pensamento europeu no período entre os séculos XIX e XX. Ao contrário de um futuro garantido em um presente estável, a dialética histórica de Benjamin coloca o passado como o que está, a cada instante “irremediavelmente perdido” (Ibid., p. 515) se não for tocado pela atualidade disruptiva de seu presente em disputa.

Além do passado, o próprio presente é entendido como ameaçado, na crítica que Benjamin faz da “concepção própria do historicismo” (Id., 2012, p. 11). Para o filósofo alemão, é “irrecuperável toda imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente” (Ibid.). O presente é, pois, o “momento do perigo” que ameaça passado e presente (Ibid.) ao inseri-los em um *continuum* histórico no qual o “inimigo nunca deixou de vencer (Ibid., p. 12).

Aquela concepção de história que Benjamin atribui ao historicismo está assentada naquilo que o filósofo chama de “método” da “empatia”, com o vencedor” que é característica da historiografia de “orientação historicista” (Ibid.). Pode-se perceber nessa empatia a crítica tanto ao esforço historicista, de acordo com Benjamin, de conhecer o passado “como ele foi” (Ibid., p. 11), quanto na ênfase historicista na história política oficial dos “grandes acontecimentos”, para Benjamin, o “cortejo triunfal” que carrega o “patrimônio cultural” (Ibid., p. 12) como despojo dos que venceram desde sempre.

Ao atacar a noção de continuidade entre passado e presente, Walter Benjamin critica tanto a história tradicional, de temática político-oficial e dedicada aos grandes personagens – aos “vencedores” – quanto às filosofias do progresso. Assim, a atualidade do

passado é garantida pela produção de descontinuidades entre passado e presente, pela ênfase na história de sujeitos e objetos até então destituídos de história, e pela própria descontinuidade do método de produção historiográfico, representado pelo projeto de *Passagens* e sua fragmentariedade constitutiva.

Concernente ao seu tema, para Benjamin, o trabalho do historiador, em nome do reconhecimento da condição radical de seus objetos, deveria abrir-se “ao mundo de estrita descontinuidade”, onde o novo não é retorno nem permanência, mas “a mesma coisa entrecruzada por inúmeras intermitências” (Benjamin, 2006, p. 922). Tais intermitências, na compreensão da história de Benjamin, produziria uma ruptura entre passado e presente, a partir do qual os fenômenos do passado poderiam ser atualizados e tornados significativos para a história. Assim, pode-se afirmar que, para Benjamin, toda história é em alguma medida história do tempo presente, graças à necessária descontinuidade que a experiência temporal representa.

Desse modo, para Walter Benjamin, as descontinuidades residem, inicialmente, nos próprios objetos da história. Os fenômenos históricos porta uma “ruptura ou descontinuidade” (Ibid., p. 515) que a historiografia, considerada por Benjamin tradicional, negligenciada em favor da “celebração [do passado] como patrimônio” (Ibid.), o que contemporaneamente poderia ser entendido como a “monumentalização” do passado. Para Benjamin, “existe uma tradição que é catástrofe” (Ibid.), isto é, existe uma dimensão da tradição marcada por uma descontinuidade inalienável, que até então não havia sido acolhida pela historiografia progressista.

Para Benjamin, o fato de que a tradição surja como uma continuidade é uma aparência (Ibid., p. 528) que deve ser dissipada pela historiografia crítica que reconhece em cada “documento de cultura” é “também um documento de barbárie” como testemunho da “tradição dos oprimidos” (Id., 2012, p. 13).

Do mesmo modo, as descontinuidades são reconhecidas nos próprios processos de produção do conhecimento histórico – o método como desvio (Id., 2006, p. 499) – que jamais abarcam o passado em sua integralidade e, principalmente, sempre é resultado de uma escolha guiada pelos interesses presentes (Ibid., p. 436). Por isso, para Benjamin, pensa uma historiografia que “arranca” seus objetos do “curso da história” (Ibid., p. 517) através de sua atualização constante.

O presente aparece, pois, para Benjamin, como momento capaz de reorganizar a experiência temporal, de modo que ela possa incorporar o que em uma visão progressista e triunfalista da história ficaria de fora. Toda história seria, em alguma medida, uma história do tempo presente, como mencionado, não por uma experiência de um presente que não passa, ou por um presente que transborda

para o passado e o futuro, mas por um presente capaz de mobilizar passado e futuro a partir de uma compreensão crítica da história. Constituída em um lugar repleto pelo tempo-do-agora que poderia concentrar todo o tempo histórico em um instante (Benjamin, 2012, p. 18). Esse presente não é passagem, mas uma “oportunidade revolucionária” (Ibid., p. 19), não uma garantia de transformação, mas uma possibilidade da transformação do passado, em favor de um outro futuro.

Para Benjamin, o caráter “original” do passado é mobilizado pelo processo de historicização do passado a partir do presente, que para o filósofo estaria ausente do conceito de história chamado de “historicista”, ou a noção “oficial”/“tradicional” de história que seu conceito visa criticar. Tal historicização desarticula o “nexo causal entre os vários momentos da história” (Benjamin, 1994, p. 232) a partir do qual o “historicismo” constrói a “história universal” (Ibid., p. 231). Refere-se, nesta articulação causal, a possibilidade de incluir na história o “movimento das ideias” (Ibid.) ao mesmo tempo em que se exclui sua mobilização. Assim Benjamin escreve nos “Paralipômenos”: “A ideia de história universal está ligada à do progresso e da cultura. Para que todos os momentos da história [...] possam ser alinhados na cadeia do progresso, têm de ser reduzidos ao denominador comum da cultura [...]” (Id., 2012, p. 179). A história tradicional nivelaria as descontinuidades em favor da integralidade da “cultura”.

O conhecido mote “não há documento de cultura que não seja documento de barbárie” (Ibid., p. 13) pode ser entendido, pois, não apenas na perspectiva de que o “patrimônio cultural” representa os “despojos” carregados no “cortejo triunfal” dos vencedores (Ibid., p. 12), mas também a partir da noção de que a própria ideia de “transmissão” da cultura contém seus elementos de barbárie, que tal “barbárie” é a própria marca da tradição à qual o “materialismo” benjaminiano se volta.

As reflexões de Walter Benjamin podem problematizar a história do tempo presente em alguns de seus marcos, especialmente no que se refere à compreensão da ampliação do presente, relacionada a uma transformação das relações com o tempo histórico, bem como da perspectiva de que determinados eventos – catastróficos e/ou traumáticos – demarcam esse presente persistente, tomado objeto da historiografia. Na medida em que Benjamin pensa o papel do presente como experiência de atualização do passado, e consequentemente de produção de uma historiografia crítica, pode-se indicar que algumas dimensões da chamada história do tempo presente tangenciam as reflexões benjaminianas, podendo aquelas, eventualmente, potencializar-se com a leitura eminentemente política da teoria e das tentativas historiográficas de Benjamin.

**Referências:**

Augé, Marc. *Para onde foi o futuro?* Trad. Eloisa Ribeiro. Campinas: Papirus, 2012.

Benjamin, Walter. *O anjo da história*. Organização e Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Benjamin, Walter. *Passagens*. Organização da edição brasileira de Willi Bolle, colaboração na organização da edição brasileira de Olgária Matos. Tradução do alemão de Irene Aron. Tradução do francês de Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7a Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Benjamin, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo* (Obras escolhidas V. 3). Trad. José Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Cezar, Temístocles. Tempo Presente e usos do Passado. In: Varella *et al.* (orgs.). *Tempo Presente & Usos do Passado*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012.

Chauveau, Agnès; Tétart, Philippe (orgs.). *Questões para a história do presente*. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999.

Fico, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis o caso brasileiro. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.43-59, jan/jun 2012a. Disponível em < <https://goo.gl/8dwsJ2> >.

Fico, Carlos. História que Temos Vivido. In: Varella *et al.* (orgs.). *Tempo Presente & Usos do Passado*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012b.

Gumbrecht, Hans. *Nosso Amplo Presente: O Tempo e a Cultura Contemporânea*. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

Hartog, François. *Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiências do Tempo*. Tradução de Andréas de Menezes *et al.* Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Jameson, Fredric. *A Virada Cultural: Reflexões sobre o pós-modernismo*. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Maynard, Dilton C. S. Rumo à Catastrofe. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 333-338. jan./abr. 2017. Disponível em <<https://goo.gl/xZsAJ7>>

Pereira, Mateus; Da Mata, Sérgio. Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente. In: Varella *et al.* (orgs.). *Tempo Presente & Usos do Passado*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012.

Rouso, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Tradução de Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.